

A Rede Sororidade, com o apoio unânime de suas líderes, decidiu entrar na luta pela abertura das delegacias especializadas durante as 24 horas do dia e a totalidade de dias do ano. Os argumentos tomaram como base as estatísticas que mostram o que todo mundo sabe: a cada semana, as inevitáveis e inolvidáveis madrugadas de sábados e o infinito terror da virada do domingo para o primeiro dia da semana. Nelas o ranger de dentes se ouve de longe.

Gritos sufocados, vidas deformadas, estragadas e danificadas, com suas marcas que jamais desaparecem. E ainda servem para compor os percentuais dos gráficos que retratam com frieza o sofrimento de mulheres anônimas e igualmente inesquecíveis.

Os momentos de maior convívio acabam sendo os de dor mais extensa e intensa, de tortura, aliada à uma indecisão que nos deixa, por tempos, sem qualquer reação. Paralisadas, adormecidas, catatônicas...

Observe a curva da imagem: vai das 18 horas de domingo até a madrugada de segunda. Domingo, dia santo, dia de jogo, dia da cerveja sagrada e da tensão que a perspectiva da segunda, o retorno ao mundo da realidade, se vê enformado num dia de semana.

Verifica o gráfico e nota o dia preferido da morte das mulheres-quentes, não das mulheres estatística. Sim, elas mesmo que não estavam na vez de deixar a vida e nem os pequenos que dela dependem por amor.

Perda que em tantos deixou um buraco no mundo, na alma, no espírito e no existir dali pra frente.

E me responde se não é exatamente na hora em que o grito de ajuda ecoa mais alto, onde ele lancina, faz perder os sentidos... e rasga e abafa todos os demais sons: a música, o ruído, a gargalhada, o barulho da agitação da cidade grande...

Não é esta a hora em que se faz imprescindível o plantão?

Nesta hora exata, onde não foi pessoa de se ouvir falar, mas você, que nunca pensou que seria o "eu-sujeito-objeto" sobre quem as pessoas estão comentando....

O momento de tempo em que eu e você mais precisamos de abrigo, do amparo, da força de defesa, da lavratura do flagrante e da garantia do que conquistamos, ao preço que ninguém mais aceitaria pagar: nosso direito: à vida, ao próprio corpo, à dignidade humana e à segurança contra a besta, o bicho, o músculo.

Provocamos formalmente o Ministério Público e fomos além: redigimos e apresentamos projeto de lei, assinado por quatro Deputados Federais e articulamos o apoio de diversos outros membros do parlamento nacional.

A violência dos homens não pode encontrar abrigo num Estado inerte. Em um legislativo que não legisla e na corte judiciária que não preenche a lacuna da lei.

Chega de omissão!

Basta de deixar para depois!

Prá fora! Com as promessas que se repetem.

Não há mais tempo a perder.